



VII CINCCI

VII Colóquio internacional
sobre Comércio e Cidade

Fortaleza, 03 a 07 de Novembro de 2020

Design e artesanato: sustentabilidade na sociedade de consumo

Design and crafts: sustainability in the consumer society

Diseño y artesanía: sostenibilidad en la sociedad de consumo.

TEIXEIRA, Amanda Zimmermann; Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora (CESJF)

amandaz.arq@gmail.com

COELHO, Juliana Lourenço; Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora (CESJF)

julianacoelholourenco@gmail.com

CARNEIRO, Raquel Salgado; Mestra; UniAcademia Centro Universitário

raquelrasa@gmail.com

Resumo

Este artigo discute as relações entre o artesanato e o design, bem como seus desdobramentos, associados à sustentabilidade, ao turismo, ao comércio e à resiliência. Este trabalho relata um projeto de extensão desenvolvido em conjunto pelos alunos do Design de Interiores e Design de Moda do Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora (CESJF) e pelos artesãos da Cooperativa Linhas de Minas em São José dos Lopes, distrito de Lima Duarte (Minas Gerais), que buscou explorar as conexões possíveis das dinâmicas de aprendizagem e dos processos criativos entre a comunidade acadêmica e a comunidade artesã. A metodologia compreendeu a revisão bibliográfica sistematizada e, a observação direta da pesquisa empírica. O projeto de extensão viabilizou a produção de peças artesanais de design de interiores e design de moda, além de gerar reflexões de como o artesanato pode ser um aliado do design para uma atividade sustentável e suas relações com o comércio e a cidade.

Palavras-chave: Artesanato. Design. Sustentabilidade. Comércio. Resiliência.

Design and crafts: sustainability in the consumer society

Abstract

This article discusses the relationship between crafts and design, as well as their consequences, associated with sustainability, tourism, commerce and resilience. This paper reports an extension project jointly developed by the students of Interior



VII CINCCI

VII Colóquio internacional
sobre Comércio e Cidade

Fortaleza, 03 a 07 de Novembro de 2020

Design and Fashion Design at the Higher Education Center of Juiz de Fora (CESJF) and by the artisans of Cooperativa Linhas de Minas in São José dos Lopes, Lima Duarte district (Minas Gerais), which sought to explore the possible connections between learning dynamics and creative processes between the academic and the artisan community. The methodology included the systematic bibliographic review and the direct observation of empirical research. The extension project made possible the production of handcrafted pieces of design, in addition to generating reflections on how handicrafts can be an ally of design for a sustainable activity and its relations with commerce and the city.

Keywords: Crafts. Design. Sustainability. Trade. Resilience.

Diseño y artesanía: sostenibilidad en la sociedad de consumo.

Resumen

Este artículo analiza la relación entre artesanía y diseño, así como sus consecuencias, asociadas con la sostenibilidad, el turismo, el comercio y la resiliencia. Este trabajo informa un proyecto de extensión desarrollado conjuntamente por los estudiantes de Diseño de Interiores y Diseño de Moda en el Centro de Educación Superior de Juiz de Fora (CESJF) y por los artesanos de la Cooperativa Linhas de Minas en São José dos Lopes, distrito de Lima Duarte (Minas Gerais), que buscó explorar las posibles conexiones entre la dinámica de aprendizaje y los procesos creativos entre las comunidades académicas y artesanales. La metodología incluyó la revisión bibliográfica sistemática y la observación directa de la investigación empírica. El proyecto de extensión hizo posible la producción de piezas artesanales de diseño, además de generar reflexiones sobre cómo las artesanías pueden ser un aliado del diseño para una actividad sostenible y sus relaciones con el comercio y la ciudad.

Palabras clave: Artesanía. Diseño. Sustentabilidad. Comercio. Resiliencia.

1 Introdução: os objetivos deste documento

Consumir é um ato que pode ir além da questão monetária e da troca material, é uma ação social e cultural, que está ligada à nossa identidade e ética, uma ferramenta crucial para exercermos nossa cidadania e nos posicionarmos como agentes sociais (SLATER, 2002). O consumo consciente tem sido difundido gradativamente e os consumidores tem se mostrado cada vez mais preocupados com os impactos ambientais e sociais gerados pela produção industrial e em massa (PEREIRA, 2012). Nesse cenário, o artesanato surge como uma opção por usar materiais naturais e locais em seus produtos, além de mudar a realidade e qualidade de vida da população artesã.

Este artigo apresenta o relato do projeto de extensão “Design e Artesanato: conectando processos criativos”, que buscou a integração dos alunos dos cursos de Design de Interiores e Design de Moda, do Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora (CESJF), com os artesãos da Cooperativa Linhas de Minas em São José dos Lopes, distrito de Lima Duarte (Minas Gerais).

Portanto, o objetivo do trabalho é apresentar os resultados observados naquele projeto e discutir como o artesanato pode ser reavaliado e valorizado a partir da integração entre os artesãos e designers, além de entender como a produção artesanal está relacionada com a sustentabilidade e inovação social.

2 Metodologia

O projeto de extensão “Design e Artesanato: conectando processos criativos” foi realizado em parceria do Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora (CESJF) com a Cooperativa Linhas de Minas no ano de 2019. O processo de desenvolvimento do trabalho foi sistematizado conforme o diagrama de metodologia (tabela 01) e compreendeu cinco etapas: informar, conhecer, refletir, trocar e criar.

Metodologia

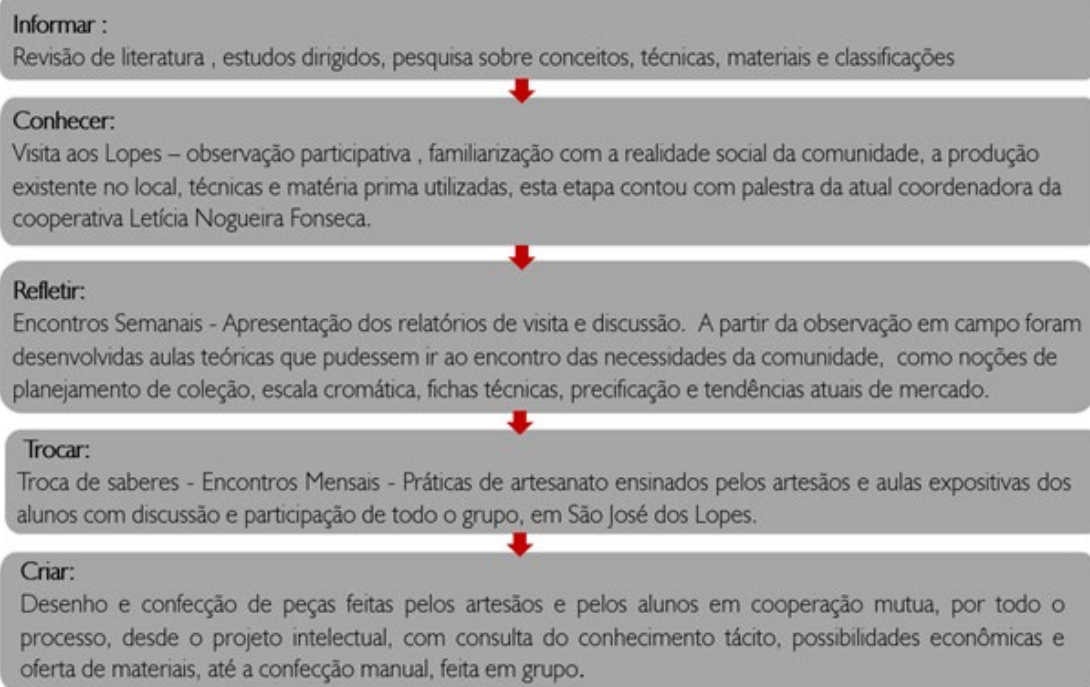


Figura 1: Diagrama de metodologia de pesquisa
Fonte dos autores (2019)

A primeira etapa, “informar”, foi uma revisão de bibliografia que ocorreu no início do projeto, na qual os participantes do grupo aprofundaram seus conhecimentos sobre artesanato. Houve uma busca sistematizada nas bases de dados do portal Capes, portal Scielo e no Google Acadêmico, com as palavras-chave: artesanato, design, cultura, sustentabilidade, turismo e comércio. Posteriormente, a pesquisa envolveu o nome de estudiosos do assunto em âmbito internacional, nacional e regional. Em Vargas (2012) e Cleps (2004), busca-se compreender o comércio como uma atividade social. Slater (2002) e Pereira (2012) discutem o consumo consciente. Figueira (2017) esclarece sobre o turismo e como ele pode ser de grande importância para pequenas comunidades. Sustentabilidade, suas diversas dimensões e relações com design, são encontrados nos textos de Mouco (2010) e de Parode, Bentz e Zapata (2016). Em Extrckoter (2015) e ONU-Habitat (2016) se discute como a resiliência urbana é importante para as pequenas comunidades sobreviverem em momentos de crise, e a importância do artesanato para se tornarem financeiramente independentes. As relações entre o design e artesanato são discutidas em Castro (2009) e Santana (2012). Em Abbonizio (2009) e Santana (2012) encontramos pontos que alertam sobre perigos eminentes da aproximação entre o design e fazer artesanal e uma análise de como essa conexão deve acontecer.

Na segunda etapa, “conhecer”, os alunos inicialmente aprenderam sobre o trabalho das artesãs, sua organização e os tipos de produtos desenvolvidos, por meio de uma palestra da coordenadora da Cooperativa no *campus* de CESJF. Posteriormente ocorreram visitas à Cooperativa Linhas de Minas, situada em São José dos Lopes, distrito de Lima Duarte (Minas Gerais), cerca de 85km da cidade

de Juiz de Fora (Minas Gerais). Nessas visitas, os estudantes conheceram a comunidade, e puderam trocar impressões, conversar e expor suas expectativas com o projeto. Além de serem apresentados às fibras usadas na produção, aprender as técnicas de colheita e tratamento do material, as possibilidades de bordado e verem os produtos finais desenvolvidos pela mão de obra local.

Na terceira etapa, “refletir”, os participantes discutiram e apresentaram suas impressões pessoais do trabalho de campo durante encontros semanais, nos quais foram produzidas apresentações de acordo com as demandas observadas, para serem levadas à comunidade com uma linguagem acessível e de forma a despertar o interesse dos artesãos. As seguintes questões foram abordadas: o que é design, o que é moda, noções de planejamento de coleção, processo criativo, o que é e como fazer escala cromática, formação de preço, confecção de fichas técnicas, terceirização, mercado x consumo.

Durante a quarta etapa, “trocar”, ocorreram “trocas de saberes” nas visitas de campo subsequentes. Em cada encontro, os alunos apresentaram os temas pensados anteriormente, por meio de *data shows*, e os artesãos ofereceram oficinas, onde os estudantes puderam manusear os materiais e compreender na prática suas propriedades, possibilidades e limitações para criação de produtos.

Na quinta e última etapa, “criar”, ocorreu o desenvolvimento de protótipos de produtos em parceria das artesãs com os alunos de design, que produziu peças de decoração com os alunos do design de interiores e uma coleção de moda com os alunos do design de moda.

3 Principais resultados obtidos

Segundo Borges (2011), o requisito básico da interação entre designer e artesão é o respeito, que é conquistado pela troca de conhecimento. De acordo com Santana (2012), as instituições de ensino de design devem preparar o aluno para atuar em diversas áreas da profissão, inclusive em empreendimentos artesanais.

“A aproximação do designer e do artesão é importante para as duas partes, e deve ser entendida assim. A unilateralidade do trabalho inviabiliza a integração e a descoberta mútua, já que o designer faz seu trabalho sem conhecer a rotina e cultura do artesão, e este não percebe o que diferencia sua criação da criação daquele” (SANTANA, 2012, p.114).

Esse pressuposto foi seguido durante todo o projeto e possibilitou a criação em conjunto dos artesãos e dos alunos. As visitas foram de grande importância para quebrar a desconfiança e preconceito iniciais, comuns em projetos dessa natureza, nos quais há uma aproximação do saber do especialista e do saber popular. A partir da troca de conhecimento formal e informal acontece uma aproximação de ambas as partes, que permite o trabalho coletivo com o fito de buscar soluções para problemas encontrados.

Dessa maneira, aconteceu a criação, o desenvolvimento e a produção das peças de forma colaborativa entre os alunos e as artesãs, durante o período de quatro meses. O grupo Linha de Minas já produzia artesanato, porém de uma forma desordenada, sem registros, sem continuidade de produtos ou controle de qualidade. O projeto de desenvolvimento em conjunto iniciou-se com o estudo das potencialidades de material e mão de obra e a definição do público alvo: na sua

maioria turistas de classe média alta, frequentadores do Parque Estadual do Ibitipoca, cerca de 17 km de São José dos Lopes. Pelo histórico da visita ao parque e contato com os viajantes, era do conhecimento geral o seu interesse pela natureza da região, questões relativas à sustentabilidade, cultura local, artesanato tradicional e design singular. Foi identificada, então, em conversas com o grupo, a demanda por novos produtos de decoração na linha de iluminação e o desejo das artesãs de desenvolver objetos relacionados à moda do vestuário.

Logo, foram criadas duas linhas de produtos com conceitos relacionados à flora e fauna local, usando materiais de fácil acesso e técnicas já conhecidas pelas artesãs, o que facilitou a reprodução posterior das peças. Os alunos do design de interiores desenvolveram uma linha de luminárias, a partir da fibra da taboa e da bananeira, ao passo que, as alunas da moda produziram uma linha de vestidos no estilo *kaftans*, pensados para mulheres usarem como túnicas ou saídas de piscinas, feitos com tecidos naturais e bordados representando a flora e a fauna local.

O processo de criação dos alunos do design de interiores se iniciou com a produção de croquis que foram levados à comunidade. Mediante a ajuda das artesãs, foi possível encontrar algumas soluções para a produção das peças e descartar as ideias que inexistiam, buscando o caminho entre os limites e possibilidades das técnicas e materiais. Nos encontros seguintes, as luminárias foram produzidas em conjunto a partir dos materiais bastidores de madeira, palitos de bambu, lona de algodão, palha da taboa e galhos secos da flora local.

As peças do design de moda foram criadas a partir da modelagem dos *kaftans* e, posteriormente, dos riscos de bordado confeccionados especialmente para a coleção, representando a flora e a fauna da região. Foram utilizados tecidos naturais, de algodão e linho e a aplicação de bordado das artesãs. As peças inovaram na linguagem *fashion* da modelagem e na dimensão maximizada dos bordados. Antes de serem vendidas pela cooperativa, as peças participaram do desfile do final de semestre do curso de moda do CESJF.

O processo criativo e o desenvolvimento dos produtos foram documentados através de fotos, croquis e anotações, a partir dos quais foram elaboradas as fichas técnicas e a precificação. Ao participar destas etapas, os artesãos tiveram a possibilidade de reavaliar a forma de produção, e fazer adaptações a partir das suas necessidades comparando os resultados. Percebeu-se que todo o processo foi muito enriquecedor para ambas as partes, por um lado, os estudantes tiveram contato prático com o que aprendem na teoria e vivenciaram as dificuldades que só ocorrem durante o processo de produção, aproximando de uma realidade cultural diversa, experienciando outro tempo de produção, novos valores, significados e afetividades de uma comunidade rural, por outro lado, os artesãos tiveram a autoestima elevada ao identificar a valorização e interesse genuíno pelo fazer artesanal e puderam trocar conhecimentos, experimentando o processo de criação do designer como forma de agregar possibilidades à sua produção.

4 Discussão

A área do design desde sempre sofreu influência dos movimentos históricos e sociais, sendo assim, as discussões sobre sustentabilidade vêm transformando a atuação do designer (MOUCO, 2010). Desde a década de 1980, acontecem em diferentes partes do mundo encontros de cúpulas que buscam soluções para o aquecimento global, mesmo antes disso, no campo do design, já se via a

preocupação com os impactos ambientais, éticos e sociais (PARODE, BENTZ, ZAPATA, 2016).

Para Sachs (2002 apud. MOUCO, 2010), a sustentabilidade apresenta cinco dimensões principais: a sustentabilidade social, que se refere ao modelo de crescimento econômico com distribuição mais equitativa de renda; a sustentabilidade econômica, que se torna possível devido ao fluxo constante de inversões públicas e privada, além da alocação e manejo eficientes dos recursos naturais; a sustentabilidade ecológica, que propõe o uso máximo do potencial da biodiversidade sem que este se deteriore, aproveitando integralmente a matéria-prima disponível com o mínimo de impacto ambiental; e por fim, a sustentabilidade geográfica, que busca uma distribuição mais equilibrada da população, evitando a concentração da população em áreas urbanas.

Mouco (2010) aponta que, para atingirmos esse conceito abrangente de sustentabilidade, é necessário mudarmos progressivamente de uma sociedade de consumo para uma dita de uso, que implica na redefinição dos objetos que produzimos.

“não se trata de produzir menos, mas, imaginar objetos eficientes de simples uso: ampliar a oferta de produtos que respeitem o meio ambiente e seduzir para que essa evolução seja fácil. A sociedade precisa dar um enorme salto criativo, isso deverá acontecer por meio de objetos concebidos para tecer um novo vínculo entre o homem e a natureza.” (KAZAZIAN, 2005 apud. MOUCO, 2010, p.39)

Parte da responsabilidade pela transformação desses objetos é dos designers, que já vêm criando produtos, serviços e sistemas com menos impacto ambiental. No entanto, essa mudança não deve ser radical, pois deve ocorrer não só da esfera tecnológica, mas também na social, nos comportamentos, nos hábitos e no modo de viver da população. Produzir e consumir de uma maneira mais sustentável depende de uma mudança no comportamento dos indivíduos e, nesse quesito, o design se torna essencial. (MOUCO, 2010)

“O atual desafio para o design no século XXI é evitar ou minimizar os impactos negativos de todos os produtos no meio ambiente, tornando-os ao mesmo tempo, uma necessidade e uma oportunidade para guiar os debates sobre modelos de produção e concepção mais sustentáveis, sem esquecer de interagir com o poder político e comercial.” (FUAD-LUKE, 2006 apud MOUCO, 2010, p.40).

No contexto de uma nova forma de produção, em uma escala mais humanizada, surge o conceito de comunidades criativas, que “podem ser consideradas como protótipos de trabalho de modos de vida sustentáveis. Elas mostram que, mesmo em condições atuais, é possível comportar-se de forma colaborativa, alcançando resultados sustentáveis” (MANZINI, 2008, p. 73 apud. PARODE, BENTZ, ZAPATA, 2016, p. 93). Essa mudança de pensamento gera “descontinuidades sistêmicas”, que segundo Manzini (2008 apud. PARODE, BENTZ, ZAPATA, 2016), são resultantes de iniciativas locais e de novos meios de pensar e agir, que buscam valorizar os recursos locais: naturais e culturais, como por exemplo a geografia, a fauna, a flora ou o patrimônio histórico cultural de uma sociedade. Nesse contexto, o autor considera o designer, que trabalha visando a sustentabilidade, um agente para que ocorram novos sistemas de produção alternativos, em busca da valorização das iniciativas locais. Dessa forma, o designer passa a ter a função de coordenar atividades coletivas colaborativas, passando a

ter uma nova forma de atuar, que possui "objetivos econômicos, ecológicos e sociais, às vezes atuando para reconciliá-los, outras vezes tentando transformar um com o conhecimento de outro, e outras ainda contendo a tensão entre os objetivos, para fomentar a mudança" (FLETCHER; GROSE, 2011, p. 168 apud. PARODE, BENTZ, ZAPATA, 2016, p. 93).

O design é interdisciplinar, o que lhe permite criar relações tanto com a indústria, quanto com o artesanato (CASTRO, 2009). A retomada dessa relação na atualidade pode ser uma das soluções para os problemas ambientais gerados pela industrialização, tornando a produção artesanal mais atrativa/competitiva para o mercado. "A relação design e artesanato é hoje retomada com [...] uma perspectiva teórica-aplicada capaz de articular dimensões fundamentais da relação do homem com o meio ambiente" (PARODE, BENTZ, ZAPATA, 2016, p. 92).

"As relações do design com a indústria e com a arte fazem parte do debate ampliado que está sendo instituído e as diferentes visões definem as possibilidades de intervenção institucional no sentido de contribuir para mudanças materiais que permitam a reconstrução do tema da sustentabilidade" (CASTRO, 2009, p.91).

Não há um consenso de como a aproximação do design e do artesanato deve acontecer. É importante analisar os impactos que essa intervenção pode provocar e se isso será benéfico para o artesanato ou não, visto que certas alterações fazem com que o produto perca sua identidade e valor cultural (ABBONIZIO, 2009). Santana (2012), em seu artigo "Design e artesanato: fragilidades de uma aproximação", apresenta um exemplo de uma aproximação desfavorável ao produto artesanal. É o caso de uma empresa que faz parcerias com produtores locais de várias regiões de Brasil e encomendam os mesmos produtos, que têm seu design baseados em pesquisas de tendências do mercado internacional. Esses produtos são genéricos, não sendo possível identificar a região e a cultura de origem pelas técnicas, formas, cores e grafismos. Dessa forma, o produto não pode mais ser considerado artesanal, nem brasileiro, pois perde sua identidade. Ademais, o trabalhador perde a autonomia na criação do seu trabalho, pois se torna apenas fornecedor para uma grande empresa (SANTANA, 2012).

"O autor defende a não interferência na estética de um produto artesanal, principalmente naqueles aspectos ligados à decoração, ornamentação, cores e texturas. Para ele, a intervenção externa deve focar principalmente em questões funcionais práticas, isto é, melhorar pequenos aspectos na funcionalidade de uso, de segurança e durabilidade. Em suma, deve contribuir para que o produto desempenhe adequadamente o propósito para o qual foi criado (LIMA, 2002 apud. ABBONIZIO, 2009, p. 30)".

Logo, o contato com os designers deve ser uma escolha da comunidade de artesãos que pretende inserir seus produtos no mercado competitivo. A intervenção não é uma capacitação, pois o artesão conhece as técnicas de produção e os materiais. O designer deve respeitar "às identidades locais, práticas participativas, resgate dos valores culturais, interferir sem ferir, não impor mudanças, entre outros" (ABBONIZIO, 2009, p. 14). Para Adélia Borges (2011, p.145), "a intervenção adequada consiste, muitas vezes, em apenas ajudá-lo [o artesão] a ver, a aperfeiçoar aquilo que faz, mas sempre respeitando a sua essência". Essa aproximação deve acontecer como uma troca de saberes, não como uma imposição dos designers sobre a produção artesanal.

Durante as visitas à comunidade, foi possível perceber como o artesanato melhora a qualidade de vida da população, não apenas como uma fonte extra de renda, mas também conferindo senso de comunidade e união para os moradores, o que torna essencial para a resiliência da comunidade. As comunidades resilientes são aquelas que manifestam aptidão para enfrentar e adaptar-se a desafios e adversidades de maneira a promover, com sucesso, realizações que desloquem o seu modelo de desenvolvimento para um rumo desejável (MANCINI, ROBERTO, 2009 apud. EXTERCKOTER, SILVA, 2015).

“A resiliência foca não apenas na forma como os indivíduos, comunidades e negócios agem face aos diversos impactos e pressões, como também na forma que eles identificam oportunidades para um desenvolvimento transformacional. Nesse sentido, a resiliência é tanto uma qualidade do desenvolvimento urbano sustentável quanto um estímulo ao próprio desenvolvimento. Em nível municipal, a resiliência reconhece a área urbana como um dinâmico e complexo sistema que precisa, continuamente, se adaptar a vários desafios, de forma integrada e global.” (ONU-HABITAT, 2016)

São comunidades que apresentam a capacidade de absorver mudanças, mantendo a base de suas funções, identidade e estruturas, assim como em São José dos Lopes, que através do artesanato encontrou uma forma de resiliência, quando o artesanato se tornou uma importante atividade econômica na vila, sendo responsável por uma renda extra nas famílias, até então dedicadas ao campo e às atividades de serviços ligadas ao turismo, em localidades próximas.

A relação entre cidade e comércio existe desde suas origens e se mantém até os dias atuais. O comércio pode ser definido pela palavra troca e também se referir tanto a mercadorias quanto a ideias, opiniões e sentimentos (VARGAS, 2012). Para a efetivação da troca era necessário o encontro de pessoas e dessa necessidade surge o local para a relação de mercado, que com o tempo se tornou mais do que apenas um local de venda e passou a proporcionar distração e divertimento para a população (CLEPS, 2004). Historicamente, os mercados se localizavam nos centros das cidades e em muitos casos ditaram o processo de urbanização das mesmas. Sendo assim, as atividades realizadas nesses centros moldaram sua centralidade, história, sociedade, economia e simbolismo-cultural (PROCOPIUCK e DJALO, 2008. CLEPS, 2004).

Para Cleps (2004) esse centro rico em atividades comerciais, sociais, culturais e artísticas se torna um importante atrativo para diferentes modalidades de turismo, que assim como o comércio, pode ser uma ferramenta importantíssima para o desenvolvimento das cidades e valorização da cultura local.

“Na medida em que o turismo se interessa, incentiva e revitaliza as práticas culturais, ocorre um renascimento de certo “patriotismo local”, associado à estima dos detentores das tecnologias culturais, sobretudo a partir da geração de um engajamento social com foco em processos de transformação da realidade socioeconômica local.” (FIGUEIRA, 2017, p.59)

Em relação às comunidades como São José dos Lopes, que buscam o desenvolvimento através do comércio de seu artesanato, é preciso ressaltar a importância do turismo para a concretização dessa realidade. Além do comércio de mercadorias, a comunidade anseia pela possibilidade de receber visitantes na sua sede, fortalecendo a importância do encontro e transferindo o valor do produto para

o local da troca, onde oferecem além das mercadorias a possibilidade do consumo do lugar e outras atrações que começam a se fortalecer, como gastronomia, um grupo de teatro e música. Nesse caso, o legado cultural daquele povo passa a ter valor de atrativo turístico, mantendo sua identidade local e garantindo a perpetuação de sua memória coletiva.

No ano de 2020, surpreendidos pela pandemia mundial causada pelo novo coronavírus (COVID-19), houveram grandes mudanças nesta dinâmica de São José dos Lopes e de todo o mundo, no entanto o fato desta localidade ter a comunidade de artesãos como uma âncora para a localidade, vê-se a resiliência e capacidade de reinvenção posta à prova. As ferramentas do comércio eletrônico passaram a ser mais exploradas durante este período e essa experiência servirá como fator agregador para o futuro. Por outro lado, vislumbra-se a possibilidade de novas formas de capitalização do turismo em locais remotos como São José dos Lopes. Localidades que antes eram pouco valorizadas pelo turismo, poderão passar por uma ressignificação transformando-se em verdadeiros refúgios e santuários.

5 Considerações finais

Ao final do projeto foi possível perceber que a relação da comunidade com o artesanato é mais intensa do que uma simples relação entre produtor e produto. Está relacionada com a história, costumes, identidade, herança social, resgate de valores e a sensação de pertencimento. Portanto, o produto artesanal precisa ser valorizado e respeitado por todo seu significado e singularidade. Os conhecimentos práticos do artesão e teóricos do designer se completam de forma que o trabalho realizado com respeito às tradições locais e através do compartilhamento das informações entre as duas partes, gera uma troca de grande valor cultural, contribuindo para a valorização do produto artesanal e, conseqüentemente, para a independência financeira dessa população.

A colaboração foi muito enriquecedora para todo o grupo. Os artesãos tiveram acesso a uma nova forma de concepção de produto, podendo comparar e rever os meios de inserção da sua produção no mercado, valorizando as técnicas tradicionais e o uso de materiais sustentáveis. Além disso, durante as visitas, foi possível perceber que a presença dos estudantes de design na comunidade mostrou aos jovens locais o valor do que é produzido ali estimulando a sua interação com gerações mais antigas de artesãos. Os estudantes universitários, por sua vez, tiveram contato com diferentes dimensões de tempo e escala de produção, importâncias culturais como religiosidade, afetividade e fatores da vida em comunidade, estabelecendo novos parâmetros para o processo criativo e estilo de vida. Além de ter a experiência materializar um projeto, ou seja, fazer parte de todo processo de concepção, materialização, finalização e comercialização do produto, concebendo assim uma escala mais humana de produção.

Na atual realidade, acredita-se que a discussão sobre a qualidade e a quantidade do consumo se faz mais necessária do que nunca. É imprescindível que se reavalie a cadeia desumana de produção e consumo na qual estamos inseridos hoje. Acima de tudo, conexão entre o design e o artesanato se fez principalmente pela humanidade, pelo interesse no outro, pelo coletivo e pelo aprendizado. Logo, espera-se que as reflexões aqui expostas possam contribuir para a valorização e resgate do fazer artesanal, como uma atividade atual, necessária, repleta de significados e um poderoso agente transformador da sociedade.

6 Agradecimentos

Agradecemos ao Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora (UniAcademia) pelo incentivo ao projeto de extensão, ao restante dos alunos que participaram do projeto que muito contribuíram para a realização do trabalho, aos artesãos e às coordenadoras da Cooperativa Linhas de Minas, Letícia Nogueira Fonseca e Ana Alice de Oliveira, pela receptividade, carinho, paciência e parcerias.

7 Referências

ABBONIZIO, M. A. de O. **Aproximação teórica das intervenções de design no artesanato com os princípios pedagógicos de Paulo Freire**: Caminhos para uma prática emancipatória. Dissertação (Mestrado em Design) - Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes da Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2009. Disponível em: <<https://hdl.handle.net/1884/21097>>. Acesso em 25 maio 2020.

BORGES, A. **Design + Artesanato** – O caminho brasileiro. São Paulo: Terceiro Nome, 2011.

CASTRO, M. L. A. C. de. Entre arte e indústria: o artesanato em suas articulações com o design. **Espaço Acadêmico**. n. 102, p. 89-96, nov. 2009. Disponível em: <<http://www.periodicos.uem.br/ojs/index.php/EspacoAcademico/article/view/7356>>. Acesso em 25 maio 2020.

CLEPS, G. D. G. O comércio e a cidade: novas territorialidades urbanas. **Sociedade & Natureza**, v.16, n.º 30, p. 117-132, jun. 2004. Disponível em: <<http://www.seer.ufu.br/index.php/sociedadennatureza/article/view/9183>>. Acesso em 25 maio 2020.

EXTERCKOTER, R. K.; DA SILVA, C. A.; PUJOL, A. F, T. Family farmers as agents of resilience in the western region of Santa Catarina (Brazil). **Ager. Revista de Estudios sobre Despoblación y Desarrollo Rural**, n. 18, p. 115-138, 2015. Disponível em:<<https://www.redalyc.org/pdf/296/29638681005.pdf>>. Acesso em 30 abr 2020.

FIGUEIRA, M. C. Economia solidária, comércio e turismo: Os produtos artesanais à base de palmeiras de butiá em Santa Vitória do Palmar, RS, Brasil. **CULTUR: revista de cultura e turismo**, v.11, n.º 02, p. 54-80, jun. 2017. Disponível em: <<http://www.seer.ufu.br/index.php/sociedadennatureza/article/view/9183>>. Acesso em: 20 maio 2020.

MOUCO, I. de M. **Design aplicado ao artesanato, uma ferramenta para a sustentabilidade**: estudo de caso sobre a comunidade de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro de Acajatuba, município de Iranduba/AM. 2010. Dissertação (Mestrado em Ciências do Ambiente e Sustentabilidade na Amazônia na linha Dinâmicas Socioambientais) - Programa de Pós-Graduação em Ciências do Ambiente e Sustentabilidade na Amazônia, Universidade Federal do Amazonas.

Manaus, 2010. Disponível em: <https://tede.ufam.edu.br/bitstream/tede/2633/1/IUCANA_MOUCO.pdf>. Acesso em 25 maio 2020.

ONU-HABITAT. **Documentos Temáticos da Habitat III: 15 - Resiliência Urbana**. Nova York, 2015. Disponível em: <http://habitat3.org/wp-content/uploads/15-Resiliência-Urbana_final.pdf>. Acesso em: 25 maio 2020.

PARODE, F. P.; BENTZ, I. G.; ZAPATA, M. O. Design: Artesanato, Ressignificação e sustentabilidade. **Trama Interdisciplinar**. São Paulo. v.7, n.1, p.87-99. jan./abr. 2016. Disponível em: <<http://editorarevistas.mackenzie.br/index.php/tint/article/view/9328>>. Acesso em 25 maio 2020.

PEREIRA, A. F. Design para a sustentabilidade: melhoria de produtos e processos e valorização da identidade local. **Estudos em Design**. Rio de Janeiro. v.20. n.2. p.2-19. 2012. Disponível em: <<https://estudosemdesign.emnuvens.com.br/design/article/view/98>>. Acesso em: 25 maio 2020

PROCOPIUCK, M.; DJALO, A. B. Comércio como fator de coesão dos centros urbanos: Caso da revitalização comercial do centro de Curitiba. **Revista Turismo Visão e Ação**, v.10, n.º 03, p. 313-334, set/dez. 2008. Disponível em: <<https://www6.univali.br/seer/index.php/rtva/article/view/768/0>>. Acesso em: 25 maio 2020.

SANTANA, M. F. Design e artesanato: fragilidades de uma aproximação. **Cadernos Gestão Social**. v.3, n.2, jul./ dez. 2012. p. 103-115. Disponível em: <<https://portalseer.ufba.br/index.php/cgs/article/view/31608>>. Acesso em: 25 maio 2020.

VARGAS, H. C. Comércio e cidade: uma relação de origem. In: **Museu da pessoa**, 2012. Disponível em: <http://www.museudapessoa.net/pt/memorias-do-comercio/pt/colecoes-especiais/memorias-do-comercio>. Acesso em 17 de fev. 2017.